

DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO DE CARREIRA EM UNIVERSITÁRIOS: um estudo exploratório

DEVELOPMENT AND CAREER PLANNING OF STUDENTS UNIVERSITY: an exploratory study

DÉVELOPPEMENT ET PLANIFICATION DE CARRIÈRE DES ÉTUDIANTS UNIVERSITAIRES: une étude exploratoire

DESARROLLO Y PLANEAMIENTO DE CARRERA EN UNIVERSITARIOS: un estudio exploratorio

MONTEIRO, Janine Kieling

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora dos Programas de Pós-graduação em Psicologia e Enfermagem e do Curso de Psicologia da UNISINOS - São Leopoldo - RS. Bolsista de Produtividade do CNPQ nível 2.

SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, atuando como bolsista CAPES - PROSUP. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Cenecista - Bento Gonçalves - RS e da Faculdade Murialdo nos cursos de Pedagogia, Administração e Tecnologia em Gestão de Recursos de Humanos.

DALAGASPERINA, Patrícia

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

DIAS, Ana Cristina Garcia

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora dos Programas de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Santa Maria. Vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia da Saúde (gestão 2014-2015 e 2016-2017). Pesquisadora de produtividade do CNPQ nível2.

RESUMO

Esse estudo investigou aspectos do desenvolvimento de carreira de universitários, os projetos posteriores a formatura, os principais interlocutores a respeito da carreira e as dúvidas relacionadas à transição para o mercado de trabalho. Os 213 participantes da Universidade Federal de Santa Maria, preencheram instrumentos sobre desenvolvimento da carreira e de competências. Os estudantes demonstraram interesse em continuar os estudos e se inserir no mercado de trabalho, após a formatura. Família, amigos e colegas foram apontados como interlocutores. As dúvidas acerca do futuro profissional estão relacionadas a aspectos de ordem prática, como o receio em participar de processos seletivos. Além disso, identificou-se uma preocupação com aspectos de carreira e a intenção em buscar serviços de orientação, caso fossem disponibilizados pela universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento de carreira. Planejamento. Universitários.

ABSTRACT

This study investigated aspects of university career development, post graduation projects, the main interlocutors regarding career and the questions related to the transition to the labor market. The 213 participants of the Federal University of Santa Maria, filled instruments on career development and skills. The students showed interest in continuing their studies and enter the job market after graduation. Family, friends and colleagues were appointed as interlocutors. Doubts about the professional future are related to practical aspects, such as the fear to participate in selection processes. In addition, it identified a concern with career aspects and intend to seek guidance, if they were made available by the university.

KEYWORDS: Career development. Planning. University students.

RÉSUMÉ

Cette étude a examiné les aspects du développement de carrière universitaire, d'autres projets à l'obtention du diplôme, les principaux interlocuteurs sur la carrière et les questions liées à la transition vers le marché du travail. Les 213 participants à l'Université fédérale de Santa Maria, a complété le développement d'outils et de compétences professionnelles. Les étudiants ont manifesté leur intérêt à poursuivre leurs études et entrent dans le marché du travail

après l'obtention du diplôme. Famille, amis et collègues ont été nommés comme interlocuteurs. Des doutes sur l'avenir professionnel sont liés aux aspects pratiques, tels que la peur de participer au processus de sélection. En outre, il a identifié un problème avec les aspects de la carrière et de l'intention de demander des conseils, si elles ont été mises à disposition par l'université.

MOTS-CLÉS: Développement de carrière. Planification de carrière. Étudiants universitaires.

RESUMEN

Este estudio investigó los aspectos de desarrollo de la carrera universitaria, proyectos posteriores de la graduación, los principales interlocutores sobre la carrera y las cuestiones relacionadas con la transición al mercado laboral. Los 213 participantes en la Universidad Federal de Santa María, completaron cuestionarios sobre el desarrollo profesional y habilidades. Los estudiantes mostraron interés en continuar sus estudios y entrar en el mercado de trabajo después de la graduación. Familia, amigos y colegas fueron designados como interlocutores. Las dudas sobre el futuro profesional se relacionan con aspectos prácticos, tales como el miedo a participar en procesos de selección. Además, identifica una preocupación con los aspectos de la carrera y la intención de buscar servicios de orientación si ofrecidos por la Universidad.

PALABRAS-CLAVE: Desarrollo de carrera. Planeamiento. Estudiantes universitarios.

Introdução

Face à complexidade atual do mundo do trabalho, planejar a carreira profissional é uma tarefa que adquire crescente relevância. Cada vez mais, tem-se exigido um planejamento adequado, seja para a escolha de um curso universitário, para a vida após a formatura ou para o decorrer da carreira. O mercado de trabalho competitivo, o crescente número de profissionais com formação

superior e a crise nos empregos contribuem para que a conquista de um espaço neste mercado de trabalho seja mais árdua e dependente de muitos fatores, entre os quais se destacam: características pessoais, competências específicas e o estabelecimento de uma rede de relações (Bardagi, Lassance, & Teixeira, 2012; Teixeira, 2002).

Definindo termos: trabalho, emprego, carreira, ocupação e profissão

O trabalho é, por si só, revestido de diversas representações. Além de fonte de renda e meio de obtenção de bens materiais e de consumo, está associado a possibilidade de expressar o conhecimento e as competências, que permitem a obtenção do reconhecimento social, tão importante para a construção da identidade. Além disso, a sociedade elevou o trabalho a um fator estruturante, não só da organização econômica, mas também das relações sociais. O trabalho se configura numa parte essencial da vida do homem, uma vez que constitui aquele aspecto de sua vida que lhe dá status e o liga à sociedade (Brown, 1972).

As definições de trabalho devem ser diferenciadas da noção de emprego. Pode-se considerar o emprego como uma forma

particular de trabalho (Brown, 1972; Robbins, 2007), é uma espécie de contrato no qual o possuidor dos meios de produção paga pelo trabalho de outros. Desde então, diversas mudanças ocorreram na relação entre empregadores e empregados. De uma relação de maior dependência e estabilidade de vínculo empregatício, no decorrer de muitos anos, chegou-se a um momento que aponta para a modificação desta tendência. O principal causador desta nova realidade é o incremento do número de contratos de vínculo temporário, devido aos constantes momentos de instabilidade econômica (Robbins, 2007).

A ocupação difere dos termos citados e refere-se a qualquer modo de vida ou ofício de um sujeito e pode incluir a posição de

empregado, trabalhador doméstico, trabalhador por conta própria, empregador, trabalhador não remunerado em sua própria unidade domiciliar, entre outros (Woleck, 2002). Atrelada a tantas definições, a noção de profissão é também fundamental. Frequentemente utilizado como sinônimo de ocupação, trabalho, ofício ou emprego, distingue-se o termo profissão pelo fato de ser uma atividade especializada obtida a partir de uma formação específica. Um profissional geralmente pertence a um agrupamento (conselho, sindicato). Estes grupos anseiam por autonomia e controle sobre o seu próprio

trabalho (Barbosa, 1999). Dessa forma, as profissões são uma, entre tantas, formas de se organizar o trabalho. Um último conceito a ser definido é a carreira, que contém um aspecto de continuidade, de uma trilha ou caminho por onde as atividades profissionais se sucedem. Pode se constituir de uma sequência de acontecimentos inesperados (Dutra, 2008). Neste ambiente volúvel, o trabalhador necessitará de uma preparação muito mais complexa para transitar com alguma segurança pelo mercado de trabalho (Bardagi et al., 2012; Brasil et al., 2012).

As mudanças, o jovem e o mundo do trabalho

Um mercado extremamente complexo surgiu como resultado de inúmeros determinantes históricos e de contingências da evolução do modo de produção capitalista (Dutra, 2008). As carreiras tradicionais encontram-se em declínio, sendo substituídas pelo que Robbins (2007) denomina de carreiras sem fronteiras. Trata-se de um modelo de crescimento vertical, com aumento gradativo de remuneração, autoridade, status e estabilidade. Nesta concepção as pessoas devem ser flexíveis, aprender continuamente e mudar sua identidade funcional no decorrer do tempo. O declínio do modelo tradicional de carreira começou nos anos 80, com rápidas mudanças no ambiente empresarial. As crescentes incertezas tornaram difícil para as empresas preverem com precisão suas futuras necessidades (Robbins, 2007). Para sobreviver neste contexto, as organizações pesquisam e adotam novas tecnologias, para mudar a natureza do trabalho na indústria e nos serviços.

Este processo ocorreu rapidamente e deve ser acompanhado pelos trabalhadores, que necessitam se adaptar e ajustar sua qualificação (Brasil et al., 2012; Jenschke, 2003). Surge a necessidade de uma articulação entre competência técnica e social. Neste sentido, Del Prette e Del Prette

(2003) destacam o papel da universidade como provedora de habilidades relacionadas a capacidade analítica, habilidades cognitivas e meta-cognitivas, capacidade instrumental e competência social. Além dessa constante exigência, os jovens representam um dos grupos mais afetados pelo desemprego no país (Guiland & Monteiro, 2010).

Tendo que lidar com tantas exigências, sem auxílio do ensino formal, defrontando-se com a necessidade precoce de uma postura ativa, qualificação permanente e variada e, conseqüentemente, tendo diminuído o seu tempo livre, o jovem pode vivenciar alguma forma de sofrimento. Exigências como adaptabilidade, flexibilidade, constituição de uma ampla rede de relações podem acabar sendo interpretado como uma violência diante de algumas características próprias de cada indivíduo. Dejours (1994; 2001) compreende que o sofrimento se instala quando o trabalhador exaure todas as possibilidades em sua tentativa de satisfazer a demanda de seu trabalho e mesmo assim não consegue atingir este objetivo. Não se pretende supor que isto ocorra com todos os ingressantes ou postulantes ao mercado de trabalho, mas certamente este desenho gera sofrimento em grande parcela desta população.

Planejamento e preparação para o mercado

A insegurança e turbulência do mercado de trabalho, o número crescente de profissionais oferecendo seus serviços, a redução dos empregos, a necessidade de aliar qualificação e técnica com características pessoais (Jenschke, 2003; Magalhães & Gomes, 2005; Moura & Possato, 2012; Teixeira & Gomes, 2004), geram a necessidade de uma preparação para a vida e para o mundo do trabalho. Dessa forma, alguns autores como Jenschke (2003) já igualam o conceito de planejamento de carreira com o de planejamento de vida, assim, a carreira é vista como uma relação que conecta vida pessoal e trabalho. O planejamento de vida relaciona-se a capacidade de administrar a sua vida lidando com as permanentes mudanças sociais e situações individuais. Neste sentido, o planejamento de carreira deve incluir uma preparação que leve em conta os domínios de aprendizagem geral até a profissional, envolvendo conhecimentos, valores, competências e habilidades (Jenschke, 2003).

O planejamento de carreira está cada vez mais presente no projeto de vida das pessoas (Gonçalves et al., 2008). Ele organiza ativamente a adaptação do indivíduo à realidade, propiciando equilíbrio entre o real e o ideal, oportunizando ao sujeito uma avaliação sobre a possibilidade de sucesso que poderá ter, de acordo com suas condições concretas. É crucial nesta fase, a necessidade de o indivíduo retomar sua história de vida e situar-se quanto ao seu momento atual, seu passado e futuro (Silva, et. al., 2008).

Um importante aspecto levantado pelos pesquisadores em orientação de carreira refere-se ao engajamento que o estudante ou trabalhador apresenta no sentido de alcançar os seus objetivos profissionais (Linzmeier, 2014). Os estudos sobre comportamento profissional têm utilizado o conceito comprometimento de carreira para caracterizar a qualidade e a

intensidade do envolvimento na formação para o mundo do trabalho (Magalhães & Gomes, 2005). Para um maior engajamento, é necessário que o significado da carreira envolva a preocupação com o reconhecimento (Magalhães & Gomes, 2005). O comprometimento de carreira pode ser observado através das atitudes que o indivíduo apresenta desde a sua formação. Alguns alunos de graduação têm a necessidade de se vincular ao mercado de trabalho durante o curso, buscando experiências práticas ou mantendo-se atentos as alternativas de atuação profissional (Teixeira & Gomes, 2004). Vincular-se ao mercado durante o curso ajuda na tarefa de obter uma visão ampliada do mercado (Dutra, 2008). Amplia-se a visão obtida quando se está inserido na universidade e passa-se a ter um contato contínuo com o mercado. A participação em atividades extracurriculares, a busca pelo conhecimento do mercado, a procura por informações sobre o desenvolvimento da carreira e os possíveis problemas que tem que aprender a lidar dão ao estudante um senso de competência decorrente de tais experiências de engajamento, que também auxiliam na definição de projetos profissionais (Teixeira, 2002; Teixeira & Gomes, 2004). Quando o sujeito não apresenta o comprometimento, que se percebe quase como indispensável atualmente, pode ocorrer que o estudante chegue ao final de sua formação sem saber o que fazer (Teixeira & Gomes, 2005).

Para que situações como esta não ocorram, o papel dos interlocutores pode ser fundamental. Os indivíduos que se sentem apoiados em seus planos profissionais comumente apresentam níveis de decisão de carreira mais elevados do que os que não contam com este tipo de apoio (Oliveira & Dias, 2013; Teixeira & Gomes, 2005). O papel dos relacionamentos interpessoais neste processo é um tema complexo, a participação

dos familiares e professores no desenvolvimento da carreira, de acordo com os jovens, possui influência mais direta nas decisões (Oliveira & Dias, 2013). Já, os amigos participam de modo mais horizontal ou indireto, por meio de conversas. Enquanto os adultos parecem influenciar os objetivos profissionais referentes à carreira e formação, os amigos cooperam nas questões relacionadas à troca de informações e críticas (Pereira & Garcia, 2007).

Melo e Borges (2007), no que se refere a estudantes universitários no final do curso de graduação, comentam sobre a percepção de que a exigência social para o alcance de responsabilidades da vida adulta, através da inserção no mercado de trabalho, muitas vezes, é vinculada à demanda de maior qualificação para esse ingresso. As mudanças organizacionais e o desemprego crescente contribuem para esta configuração. Além disso, a exigência de maior qualificação e a necessidade de especialistas para lidar com a adoção de novas tecnologias e formas de gestão contribuíram para o surgimento de inúmeros cursos de pós-graduação no Brasil. Assim, o período de preparação para o mercado de trabalho estende-se cada vez mais (Rocha-Vidigal & Vidigal, 2012).

Ainda no que tange ao período de transição da graduação para o mercado,

alguns jovens apresentam dificuldades de enfrentamento de situações, como procurar um emprego ou estabelecer-se profissionalmente (Teixeira & Gomes, 2004). Associadas a este tipo de dificuldade, podem se evidenciar deficiências de ordem mais prática como o não saber elaborar um currículo ou como cobrar por um serviço prestado. Estes estudos indicam uma falta de preparo do jovem para o ingresso no mercado de trabalho. Há dificuldades quanto à definição de projetos de carreira, assim como quanto aos papéis esperados dentro da profissão. Em consequência disso, verifica-se a busca de apadrinhamentos ou perpetuação dos vínculos adolescentes como forma de proteção ou adiamento da entrada no mercado de trabalho (Lemos, Bueno, Silva, & Genicolo, 2007).

A partir disso, objetivou-se conhecer quais eram os projetos dos estudantes universitários após a formatura, procurou-se avaliar de modo exploratório, de que forma estes jovens planejavam a carreira e pensavam o seu desenvolvimento. Buscou-se conhecer quais eram os principais interlocutores dos universitários sobre suas carreiras, bem como foi verificado quais eram as principais dúvidas destes estudantes em relação à carreira e à transição para o mercado de trabalho.

Método

Participantes

Foram obtidos dados de 213 universitários do penúltimo e do último ano da graduação de diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sendo 53,1% mulheres. A idade dos mesmos variou entre 20 e 46 anos, com média de idade de 24,39 anos (DP = 4,17). O tamanho da amostra foi calculado (com o programa G-Power 3) de forma a serem identificadas como estatisticamente significativas ($\alpha=0,05$; poder =0,80) correlações bivariadas de magnitude $r=0,20$.

Instrumentos

Foi utilizado um Questionário de Dados Sócio-Demográficos para conhecer variáveis como idade, gênero, renda, escolaridade dos pais, situação familiar, curso do participante, semestre no qual se encontra inserido, se o curso atual foi a primeira opção no processo seletivo para ingresso para a universidade e se o mesmo já concluiu ou frequentou algum outro curso superior.

Utilizaram-se as Escalas de Desenvolvimento de Carreira para avaliar as opiniões dos estudantes a respeito do

desenvolvimento de carreira. O instrumento é composto por cinco dimensões: clareza de autoconceito profissional, decisão em relação ao projeto profissional, locus de controle de sucesso profissional, auto eficácia profissional e planejamento de carreira. Além destes, utilizou-se também a Escala de Avaliação da Contribuição do Curso Universitário para o Desenvolvimento de Competências de Trabalho para avaliar a percepção dos estudantes acerca das competências técnicas e interpessoais aprendidas durante a sua formação acadêmica. Ambas as escalas foram elaboradas por Teixeira (2007).

Procedimentos de coleta de dados

A coleta dos dados foi realizada de forma coletiva em sala de aula. Os instrumentos foram preenchidos por alunos de diferentes cursos de graduação da UFSM: Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Direito, Medicina Veterinária, Odontologia, Pedagogia e Psicologia. A autorização para participação dos alunos no estudo ocorreu após a apresentação do projeto de pesquisa aos coordenadores de cada um dos cursos envolvidos. Após essa liberação, solicitou-se também, com uma semana de antecedência, a autorização e colaboração dos professores de cada turma para realizar a coleta durante o período de aula. A autorização fornecida pelos professores foi de caráter verbal, explicou-se também aos professores que o tempo previsto para a aplicação dos questionários seria de trinta minutos.

Após essas etapas, os acadêmicos foram convidados a participar da pesquisa. Os

Resultados e Discussão

Caracterização da amostra

Dentre os participantes, 76% encontravam-se na faixa etária de 20 a 25 anos, 17,4% entre 26 e 30 anos e 6,6% acima dos 31 anos. Indicam ser a primeira pessoa da família de origem a frequentar um curso de graduação 33% dos universitários.

objetivos do estudo e os riscos e benefícios da participação foram explicados. Após o aceite, os alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, preencheram os instrumentos da pesquisa, os quais foram recolhidos e armazenados de forma sigilosa.

Procedimento Análise dos Dados

As variáveis alvo do estudo foram analisadas conforme as características das mesmas. Utilizou-se análises descritivas (cálculos de médias, desvios-padrão e frequências), assim como análises inferenciais (correlações bivariadas, testes de associação e comparações de médias).

Procedimentos Éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número CAAE 0102.0.243.000-09. Durante a realização deste estudo foram observados os preceitos e procedimentos éticos previstos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). No TCLE constou que a participação na pesquisa teve caráter voluntário e que os dados obtidos seriam tratados com sigilo e anonimato. Após a análise, os dados obtidos seriam arquivados junto ao departamento de Psicologia da UFSM. Além disso, neste documento foi redigido que a devolução seria realizada logo após o término do estudo para as coordenações dos cursos. E que os coordenadores disponibilizariam os resultados aos participantes interessados.

Quanto à escolaridade dos pais dos universitários, depreendeu-se que 32,1% dos pais e 33% das mães dos mesmos possuem nível superior completo; 22,2% dos pais e 26,9% das mães dos participantes estudaram até a conclusão do segundo grau. No que se refere à renda familiar aproximada, constatou-se que 37,1% dos participantes

indicaram remuneração situada entre 1 e 5 salários mínimos; 26,7% de 6 a 10; 17%; de 11 a 15 e 19,1% acima de 16 salários. A maioria dos participantes mora com ambos os pais ou

com um dos mesmos. A Tabela 1 apresenta as indicações encontradas em relação à condição de moradia dos estudantes.

Tabela 1. *Com quem moram os estudantes*

	Frequência	Percentual
Com os pais ou um dos pais	72	34,5
Com amigos	33	15,8
Com família própria (companheiro/a e ou filhos)	28	13,4
Sozinho	28	13,4
Com outros parentes	21	10,0
Em casa de estudante	21	10,0
Em pensão	6	2,9
Total	209	100,0

A Tabela 2 explicita de quais cursos são os participantes da pesquisa. A maioria dos

participantes frequentava o curso de Ciências Contábeis.

Tabela 2. *Cursos frequentados pelos participantes*

	Frequência	Percentual
Ciências Contábeis	48	22,5
Medicina Veterinária	38	17,7
Psicologia	33	15,5
Direito	32	15,0
Odontologia	24	11,3
Administração de Empresas	19	9,0
Pedagogia	19	9,0
Total	213	100,0%

Aspectos de planejamento de carreira

No que se refere aos estudantes estarem ou não inseridos em seu curso preferencial, 19,5% responderam que não frequentavam a opção de graduação que seria a sua primeira escolha. A partir disso, identificou-se que 17,5% dos participantes já haviam iniciado algum outro curso superior, porém abandonaram. Estavam frequentando pela primeira vez um curso universitário 71,6% dos acadêmicos. Sete por cento já possuíam uma formação superior e 4,3% estavam inseridos em outra graduação.

Dos participantes, 31,5% exerciam um trabalho remunerado regular que não se configura como bolsas e estágios. Destes, 69,7% responderam que o seu trabalho está diretamente relacionado com a área da sua profissão. Isto demonstra uma preocupação dos acadêmicos em adquirir experiência profissional já no decorrer da formação. No que tange a atividades extracurriculares ligadas aos seus cursos, destaca-se a participação dos acadêmicos em estágios extracurriculares. A Tabela 3 apresenta a participação dos estudantes em atividades de pesquisa, extensão e estágios.

Tabela 3. *Atividades extracurriculares*

<i>Participação em pesquisas (como bolsista ou voluntário)</i>	
Participou	48,1%
Não Participou	51,9%
Tempo Médio	5,07 meses
<i>Participação em atividades de extensão</i>	
Participou	34,4%
Não Participou	65,6%
Tempo Médio	4,58 meses
<i>Participação em estágios extracurriculares</i>	
Participou	68,9%
Não Participou	31,1%
Tempo Médio	9,43 meses

O tempo médio de participação em atividades extracurriculares foi maior nos estágios extracurriculares (9,43 meses), seguido de pesquisa (5,07 meses) e extensão (4,58 meses). Como o estudo foi realizado com estudantes de penúltimo e último ano do curso, estes índices parecem expressivos, principalmente no que se refere aos estágios extracurriculares. Os dados confirmam a percepção dos estudantes da necessidade de se vincular ao mercado de trabalho durante a graduação, resultados semelhantes também foram encontrados em uma pesquisa realizada por Teixeira e Gomes (2004). Observa-se que a transição da universidade para o mercado de trabalho começa de forma precoce, e que a mescla de aprendizado com experiência prática inicia na graduação e se estende após a formatura.

A necessidade de formação continuada faz com que, em muitos casos, o estudante prolongue o período de dependência financeira da família (Melo &

Borges, 2007). Desta forma, o aluno permanece mais tempo em seu lugar de origem e torna-se financeiramente dependente dos pais nos primeiros anos de transição ao mercado de trabalho.

Nesta pesquisa, 34,5% dos estudantes moram com os pais ou com um dos pais. De acordo com Melo e Borges (2007), grande parte destes alunos deverá permanecer na cidade de origem até cursarem pelo menos uma pós-graduação. Quanto aos projetos para depois da conclusão do curso, 50,7% dos estudantes já definiram o que vão fazer após o curso universitário, 36% estão em dúvida e 13,3% ainda não decidiram. Neste sentido, destacaram-se intenções relacionadas à continuidade da formação. Linzmeyer (2014) e Pestka (2015), em recentes estudos da área em questão, confirmam estes dados.

A Tabela 4 demonstra os projetos dos acadêmicos para o futuro imediato após a conclusão do curso.

Tabela 4. *Projetos pós formatura*¹

	Frequência	Percentual
Fazer uma especialização na sua área de atuação	149	70,0
Conseguir um emprego ou trabalho na profissão no Brasil (ou continuar trabalhando na profissão)	145	68,1
Fazer um mestrado na sua área de atuação	94	44,1
Fazer um doutorado na sua área de atuação	46	21,6
Fazer outro curso universitário	43	20,2
Conseguir um emprego ou trabalho qualquer (ou continuar com um trabalho fora da profissão)	22	10,3
Conseguir um emprego ou trabalho na profissão no exterior	17	8,0
Outro projeto	38	17,8

¹ Questão na qual o participante poderia marcar mais de uma opção.

Verificou-se, num primeiro plano, certo equilíbrio entre a perspectiva de continuar os estudos e a de ingressar no mercado de trabalho. Isto pode ser notado, à medida que 70% dos estudantes indicaram o desejo de fazer uma especialização na sua área de atuação e 68,1% possuem a meta de conseguir um trabalho no Brasil em seu campo de estudo. Abaixo disso, se apresentaram três opções relacionadas à continuidade dos estudos, destacando-se o anseio de seguir carreira acadêmica ou mesmo o de cursar outra graduação. Esta configuração certamente está relacionada à necessidade de qualificação do profissional. Pode-se pensar também no que Melo e Borges (2007) denominaram de frustração de expectativas de ingresso e estabilidade rápida no mercado de trabalho que o jovem experiencia após a graduação. Os recém-formados necessitam então reformular seus projetos de vida, adotando outras estratégias, como a opção por um novo curso universitário, uma pós-graduação, retardando a constituição de uma família própria. Sem desconsiderar tais argumentos, parece que estes resultados estão mais relacionados ao que Jenschke (2003) refere como sociedade baseada no conhecimento, na qual o jovem e o trabalhador necessitam se aprimorar e se desenvolver continuamente, em termos de educação e treinamento.

Dentre os estudantes que marcaram o item outro projeto, 65,8% relacionaram este plano à realização de concursos públicos. Em

seguida, foram apontadas aspirações de exercer residência multiprofissional (5,2%) e de desempenhar trabalhos paralelos à profissão para a qual estudam (5,2%).

Chama atenção que a realização de concursos poderia se enquadrar no item conseguir um emprego ou trabalho no Brasil ou conseguir um emprego ou trabalho qualquer. Os participantes escreveram no espaço destinado a outros projetos suas intenções em prestar ou estudar para concursos públicos. Pode-se pensar que o fato dos universitários diferenciarem estes termos significa que os mesmos compreendem as duas situações ocupacionais de forma distinta. Parece que as opções já colocadas no instrumento foram entendidas como se referindo a trabalhar em empresas privadas, o que seria muito diferente de se trabalhar no setor público. Conjectura-se que este dado demonstre uma cultura da própria cidade de Santa Maria, caracterizada pela forte presença de instituições públicas. Neste sentido, pais, amigos e conhecidos dos universitários podem servir como modelos de um status profissional almejado.

Perguntados sobre qual dos projetos apresentados na Tabela 4 pretendem realizar em primeiro lugar, sobressaiu-se a intenção de ingressar imediatamente no mercado de trabalho. Destacam-se também opções relacionadas à continuidade dos estudos. A Tabela 5 explicita os planos imediatos dos universitários.

Tabela 5. Projeto a ser realizado em primeiro lugar após a formatura

	Frequência	Percentual
Conseguir um emprego ou trabalho na profissão no Brasil (ou continuar trabalhando na profissão)	84	40,2
Fazer uma especialização na sua área de atuação	55	26,3
Fazer um mestrado na sua área de atuação	25	12,0
Conseguir um emprego ou trabalho qualquer (ou continuar com um trabalho fora da profissão)	10	4,8
Fazer um doutorado na sua área de atuação	03	1,4
Conseguir um emprego ou trabalho na profissão no exterior	03	1,4
Outro projeto	29	13,9
Total	209	100,0

Em primeiro lugar os jovens almejam conseguir um emprego ou trabalho na profissão no Brasil (40,2%); logo em seguida, observou-se o desejo de fazer uma especialização na sua área de atuação (26,3%) e, depois, apareceu a opção em fazer um mestrado em seu campo de atuação (12,0%). Três possibilidades de interpretação destes resultados podem ser pensadas, não sendo estas excludentes. A primeira estaria relacionada a um desejo dos universitários em termos de independência financeira, o que os levaria a buscar um rendimento o mais cedo possível. Outra possível explicação poderia estar ligada à concepção que os estudantes teriam de que para a continuidade dos estudos haveria a necessidade de um investimento financeiro, especialmente quando se fala em especializações, a opção mais citada entre as alternativas de formação. Uma terceira possibilidade se refere a uma percepção de que o mercado de trabalho exige uma combinação entre formação e experiência.

Esta última opção parece ser a que fornece um melhor entendimento do problema. Sabe-se que o eixo central na elaboração de um currículo atrativo para as empresas é constituído por formação mais a experiência profissional (Smart & Street, 2009; Robbins, 2007; Sousa, 2007). Cada vez mais é exigida uma série de atributos desejáveis para os novos trabalhadores e a ameaça de exclusão do mercado os impulsiona a uma maior qualificação. Isto pode ser pensado com relação ao nosso estudo à medida que a opção mais citada para continuidade dos estudos é a busca por uma especialização. Para os 12% que pretendem continuar os estudos através de mestrado também há esta exigência, porém diminuída ou postergada pela eventual presença de bolsas de estudo.

No que se relaciona à possibilidade de exercer estes planos para o futuro, 52,4% dos universitários acreditam que não terão dificuldades para realizar este primeiro

projeto. Questionados sobre a necessidade de orientação e planejamento de carreira nesse momento da sua formação, 54,9% apontam que carecem de um pouco de orientação, 28,6% marcaram que precisam muito de orientação e 16,4% entendem que não necessitam. Observa-se, portanto, um número expressivo de estudantes 83,5 que manifestam necessidade por serviços desta natureza, mesmo sendo que a maioria deles 80,9% frequenta o curso de primeira escolha no vestibular.

Além disso, acredita-se que exista uma vinculação com os elevados índices de escolarização dos pais: 32,1% dos pais e 33% das mães dos mesmos possuem terceiro grau completo; 22,2% dos pais e 26,9% das mães estudaram até a conclusão do segundo grau. Somando-se estes percentuais, chega-se a índices que variam de 50 a 60% dos pais que, em tese, teriam um melhor esclarecimento quanto às profissões de nível superior. Acrescido a este dado, está a própria remuneração dos pais: mais de 62% dos mesmos recebem acima de 6 salários, sendo que, destes, cerca de 36% obtêm ganhos que correspondem a mais de 11 salários mínimos. Hipotetiza-se que melhores ganhos financeiros facilitem a tarefa de busca de informações e esclarecimentos, além da inserção em cursos pré-vestibulares.

Ainda no que diz respeito à necessidade de orientação, 36,2% dos universitários referiram que talvez procurassem um serviço de orientação e planejamento de carreira no atual momento da sua formação, caso o serviço fosse disponibilizado pela universidade. Nesta mesma questão, 31,9% marcaram que provavelmente buscariam este serviço, 18,8% procurariam com certeza e 13,1% não buscariam este tipo de ajuda.

A pesquisa mostra dados importantes relativos ao interesse dos universitários, apontando para a necessidade de procurar um serviço especializado em orientação e planejamento de carreira. Somando os índices

dos estudantes que afirmaram ter a idéia de que provavelmente ou com certeza buscariam esta ajuda, totalizaria 50,7%. Apesar de todas as supostas condições de esclarecimento advindas da cultura universitária da cidade e dos aspectos familiares, percebe-se que existem necessidades que permanecem não atendidas.

Isto pode ocorrer por várias razões. Uma delas se refere a uma possível manutenção de um ideal de profissão que, muitas vezes, não corresponde com a realidade da mesma (Brasil et al., 2012; Camacho & Rubio, 2007). Este ideal seria construído ainda na infância e incluiria noções sobre diferentes profissões as quais não estariam embasadas em dados da realidade. No decorrer do curso superior há um refinamento das intenções profissionais a partir do melhor conhecimento do campo e isto acaba apresentando novas demandas de orientação.

Os universitários foram indagados sobre o quanto se preocupam com a carreira

atualmente. Em torno de 48% apontaram que se preocupam muito, 21,6% medianamente, 18,8% totalmente, 10,3% referem estar um pouco preocupados e 1,4% marcaram que não têm se preocupado nem um pouco. Estes resultados confirmam a tendência das respostas das questões anteriormente apresentadas. O interesse em procurar algum tipo de auxílio que estivesse disponível já indica que existe um índice considerável de preocupação com questões relativas à carreira.

Investigando a respeito dos interlocutores dos estudantes no que se refere aos aspectos da carreira e da profissão, 77,9% dos participantes da pesquisa marcaram que têm procurado conversar com alguém sobre isso. A Tabela 6 apresenta os interlocutores destes universitários em relação ao planejamento de carreira. Os mesmos responderam o quanto conversam com cada uma destas pessoas a partir de uma escala de 1 a 5 (desde 1 = não converso, até 5 = converso muito).

Tabela 6. Principais interlocutores nas questões de carreira e profissão: porcentagem de apontamentos de cada item da escala e média da marcação de 1 a 5.

	Média	Percentual				
		1	2	3	4	5
Colegas de curso	4,04	2,4	10	9,5	35,1	42,3
Mãe	3,54	10,9	13,9	19,4	21,8	33,9
Amigos que não são colegas de curso	3,46	6,0	16,8	28,1	24,0	25,1
Pai	3,22	19,2%	15,0	21,0	15,0	29,9
Profissionais que atuam em áreas de interesse	3,21	22,0%	9,5	20,2	21,4	26,8
Irmão(s) ou irmã(s)	3,04	23,5	13,6	19,1	22,8	21,0
Professores	2,75	24,6	19,8	25,7	16,2	13,8
Psicólogo	1,84	65,1	9,0	10,8	6,6	8,4
Orientador profissional	1,80	68,3	6,1	10,4	7,9	7,3
Outras pessoas	2,29	41,5	14,0	26,2	11,0	7,3

A maior média constatada, bem como os elevados percentuais de estudantes que conversam muito com os colegas de curso, não pode ser considerada uma surpresa, à medida que o ambiente e a convivência na universidade propiciam este tipo de contato. Além disso, estudantes do mesmo curso tendem a apresentar preocupações semelhantes.

Depreende-se também destes resultados a destacada presença parental sob a forma de interlocutores dos participantes. A influência da família pode representar tanto contribuições positivas como fatores de maior perplexidade e indecisão (Locatelli, Bzuneck, & Guimarães, 2007). O papel familiar é muito abordado nas teorias vocacionais brasileiras, porém a família não pode guiar sozinha o

trajeto de carreira de uma pessoa. Pereira e Garcia (2007) equiparam a influência familiar à dos pais em diversos tipos de comportamento, os quais acabam por se tornarem um importante referencial. Portanto, os achados deste instrumento apresentam resultados semelhantes a muitos apontamentos da literatura.

Presume-se que amigos desempenham um papel importante na vida dos jovens como fonte de apoio social e emocional (Oliveira & Dias, 2013). Entretanto, apesar do reconhecimento por parte da literatura da influência exercida por amigos em diversos aspectos, ainda faltam estudos sobre a forma como os amigos influenciam na escolha profissional (Pereira & Garcia, 2007). Em nosso estudo, os amigos aparecem como importantes interlocutores dos universitários.

Conversar com profissionais que atuam nas áreas de interesse pode se tornar uma boa estratégia para a obtenção de informações referentes ao campo de trabalho e à situação do mercado. Esta ação é um indicador de comprometimento com a carreira e no presente estudo ficou colocada num percentual que revela certo empenho neste sentido, pois se situou abaixo apenas de opções referentes a colegas, família e amigos.

Para os itens menos apontados como interlocutores, entre os quais se destacam:

professores, psicólogo e orientador profissional, sugere-se diferentes análises. Os professores, pela sua experiência e convivência com os universitários poderiam ser mais explorados pelos mesmos no sentido de obter informações sobre o mercado de trabalho. Pode-se pensar que os participantes que pretendem seguir carreira acadêmica são os que mais conversam com os professores. Levando-se em conta que 12% dos estudantes pensam em cursar mestrado imediatamente após a graduação e que 13,8% marcaram a opção "5" no questionário, indicando que conversam muito com os professores, pode-se conjecturar uma vinculação entre estes percentuais.

Quanto ao item psicólogo, a baixa taxa de apontamentos pode indicar uma relação com o ínfimo percentual de pessoas que fazem psicoterapia. Já o orientador profissional parece ter sido pouco citado devido a pouca oferta destes serviços, especialmente para universitários.

Outro aspecto avaliado no estudo se refere às dúvidas dos universitários com relação à sua carreira. Em uma questão para ser respondida a partir de uma escala de 1 a 5 (desde 1 = não tenho dúvida alguma, até 5 = tenho muita dúvida), os estudantes avaliaram suas dúvidas referentes aos itens listados na Tabela 7.

Tabela 7. Principais dúvidas com relação à carreira: porcentagem de apontamentos de cada item da escala e média da marcação de 1 a 5.

	Média	Percentual				
		1	2	3	4	5
Como proceder em uma entrevista coletiva (dinâmica de grupo) para emprego / trabalho	3,47	7,5	17,8	21,1	27,6	22,9
Como proceder em uma entrevista individual para emprego / trabalho	3,36	8,6	20,0	21,0	27,6	22,9
Como preparar meu currículo para uma seleção de emprego / trabalho	3,22	12,2	19,2	22,1	27,2	19,2
Como construir e manter uma rede de contatos profissionais na minha área	3,13	10,8	18,3	31,5	26,3	13,1
Como me planejar para atingir meus objetivos de carreira	2,97	12,7	23,0	29,6	23,9	10,8
Se conseguirei ter sucesso na minha profissão	2,85	14,1	28,2	27,7	18,3	11,7
Como fazer para procurar emprego / trabalho	2,73	20,2	22,1	29,1	21,6	7,0
Como conseguir informações sobre o mercado de trabalho da minha área	2,65	22,7	22,3	30,8	15,2	9,0
Meus interesses dentro da profissão	2,62	25,4	17,8	33,3	16,0	7,5
Se tenho competência para exercer bem a minha profissão	2,34	28,8	29,7	25,9	9,4	6,1

As dúvidas que se apresentam como maiores fontes de preocupação dos estudantes estão relacionadas a aspectos de ordem prática para o ingresso no mercado de trabalho. Os acadêmicos apontam que não estão preparados para se submeterem a entrevistas de seleção, tanto individuais como grupais, apesar de estarem se encaminhando para o final do curso.

As dúvidas não se mostram relacionadas a um contexto de exigências quanto a competências e qualificações, à medida que o item classificado como o que menos gera indefinição se refere à própria percepção de competência para exercer a profissão. Neste caso, o estudante pode estar se considerando preparado quanto às exigências do mercado ou simplesmente afirmar que tem consciência da sua qualificação, seja esta elevada ou não.

Se a primeira hipótese for válida, isto denota bons níveis de auto-eficácia nos

participantes. Julgamentos de auto-eficácia determinam o nível de motivação do sujeito, bem como a sua autoconfiança (Bandura, 1986). Para Bardagi e Boff (2010) e Schmitt-Rodermund e Vondracek (2002), pessoas com maior inclinação a se esforçar em busca de metas profissionais possuem maior senso de auto-eficácia, geralmente voltados a objetivos empreendedores.

Dificuldades no momento de procurar emprego ou estabelecer-se profissionalmente foram descritas (Moura & Possato, 2012; Sousa, 2007; Teixeira & Gomes, 2004) e incluem, além do receio das entrevistas, o despreparo para a montagem de um currículo para participar de seleções. A presença destes aspectos práticos em destaque pode revelar também o medo do desemprego, tão destacado num momento em que o estudante tem a consciência de que é o principal responsável pela gestão da sua carreira.

A carreira sendo gerenciada pelo próprio indivíduo será por ele bem administrada no momento em que este possuir independência e elevada qualificação (Robbins, 2007). Um aspecto muito importante no gerenciamento da carreira se refere ao estabelecimento de uma rede de contatos profissionais, que se dará dentro e fora das organizações (Lemos et al., 2007; Pestka, 2015). O item como construir e manter uma rede de contatos profissionais na minha área revelou uma importante dúvida dos universitários: a média de marcação deste

Considerações Finais

A dificuldade de ingressar no mercado de trabalho em decorrência da redução do número de empregos e das inovações tecnológicas determina modificações constantes no campo das ocupações profissionais. Na atualidade, este mercado tem se caracterizado pela alta competitividade e complexidade, sofrendo modificações cada vez mais rápidas. Esta configuração é resultante de determinantes históricos e contingências da evolução da sociedade atual e do capitalismo. Tal desenvolvimento e as modificações ocorridas no mundo do trabalho demandam dos indivíduos constantes atualizações em termos de qualificação profissional e pessoal. Por tudo isso, é importante que o trabalhador esteja atento a tais tendências e se prepare o mais precocemente possível para estes desafios.

O presente estudo buscou investigar como os universitários, que estão da metade para o final de seus cursos, vislumbram esta configuração e suas carreiras, bem como as ações que os mesmos empreendem para melhor se adaptarem. Neste sentido, a preocupação com a aquisição de experiência profissional paralelamente ao curso de graduação esteve presente em todo o trabalho. A participação em atividades extracurriculares, especialmente em estágios, é um indicador desta situação. Outro fator

item na escala de “1” a “5” ficou em 3,13 (62,6%).

Um índice menor de dúvidas foi revelado no que diz respeito à busca de informações sobre o mercado de trabalho, o que pode indicar um conhecimento da situação ou a falta de interesse em procurar tais informações. Se a segunda hipótese for válida, revela-se um dado preocupante, à medida que esta é uma atividade de exploração útil para a preparação para o ingresso no mercado de trabalho, relacionada a uma decisão de carreira mais fundamentada

que demonstra esta tendência se refere aos primeiros planos para após a formatura, revelando uma mescla entre pretensões de ingresso no mercado de trabalho e a continuidade dos estudos.

Preocupação e comprometimento com a carreira apareceram como tendência na pesquisa. A grande maioria dos acadêmicos se preocupa muito ou totalmente com a vida profissional. Ficar atento às questões profissionais não é surpresa, até pela situação do mercado de trabalho, caracterizado pela instabilidade, concorrência, competitividade e diminuição dos empregos. Chamaria a atenção se o número de pessoas que não se preocupam fosse mais representativo.

Outro dado que ilustra esta preocupação diz respeito ao índice de 50% de estudantes que procurariam um serviço de orientação se o mesmo estivesse disponível. Ao mesmo tempo, os estudantes conversam muito pouco sobre este tema com psicólogos ou algum outro profissional que trabalhe com orientação de carreira. Isto pode estar relacionado ao pouco acesso a estes profissionais, à falta de informações sobre estes serviços ou mesmo ao baixo número de profissionais especializados. Admitindo-se esta última hipótese, pode-se pensar em possíveis motivos para esta situação. O principal deles parece ser a falta de uma maior

abordagem destas questões nos cursos de Psicologia.

A orientação de carreira é uma área multiprofissional, podendo ser desenvolvida por psicólogos, administradores, pedagogos, entre outros. O orientador, dependendo de sua formação, abordará de maneira distinta as questões de cada sujeito. Baseando-se nos apontamentos deste estudo, presume-se que exista um amplo campo profissional a ser explorado.

No que tange ao profissional da Psicologia, este poderá trabalhar com o indivíduo o desenvolvimento de competências, o autoconhecimento, a busca de informações quanto ao mundo do trabalho, a compreensão de aspectos culturais, familiares, a identificação de significados pessoais, a reflexão sobre crenças

e projeto de vida do sujeito. Além disso, seria proporcionado um espaço para a reflexão e a retomada da história de vida do orientando, permitindo que este se localize em seu momento atual e projete seu futuro.

Presumindo-se a existência de uma demanda crescente por serviços de orientação de carreira, um aumento no número de profissionais especializados neste campo, acarretaria na minimização de diversos problemas em relação à vida no trabalho. Entre estas questões a serem trabalhadas destacam-se a insatisfação com a carreira, a visão restrita de alternativas de desenvolvimento profissional e a oportunidade de criação de condições para que o sujeito tome a si próprio como referência para definir o seu projeto de vida.

Referências

- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bardagi, M.P., & Boff, R. de. M. (2010). Autoconceito, auto-eficácia profissional e comportamento exploratório em universitários concluintes. *Avaliação*,15(1), 41-56.
- Bardagi, M. P., Lassance, M. C. P., & Teixeira, M. A. P. (2012). O contexto familiar e o desenvolvimento vocacional de jovens. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Eds.), *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenções* (pp. 135-144). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Barbosa, M. L. (1999). Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14(39), 186-190. DOI.org/10.1590/S0102-69091999000100013.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Brasil,V., Felipe, C., Nora, M. M., & Favretto, R. (2012). Orientação profissional e planejamento de carreira para universitários. *Cadernos Acadêmicos*,4(1)117-131.
- Brown, J. A. C. (1972). *Psicologia social da indústria* (H. B. Júnior, Trad.). São Paulo, SP: Atlas.
- Camacho, A. C. & Rubio, L. M. G. (2007). La orientación profesional de los alumnos que ingresan a la educación superior. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 11-24.
- Dejours, C. (1994). A carga psíquica do trabalho. In C. Dejours, E. Abdoucheli, & C. Jayet (Eds.), *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer,*

- sofrimento e trabalho (pp. 21-43). São Paulo, SP: Atlas.
- Dejours, C. (2001). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez-Oboré.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Revista Estudos de Psicologia*, 8(3), 413-420.
- Dutra, J. S. (2008) *Gestão de pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas*. São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, H. S., Borsoi, T. S., Santiago, M. A., Lino, M. V., Lima, I. N. & Federico, R. G. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20(2), 217-225. DOI.org/10.1590/S0102-71822008000200009.
- Guiland, R., & Monteiro, J. K. (2010). Jovens e desemprego: estado da arte. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 10(2), 145-158. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572010000200011&lng=pt&tlng=pt.
- Jenschke, B. (2003). A cooperação internacional: desafios e necessidades da orientação e do aconselhamento em face das mudanças mundiais no trabalho e na sociedade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 35-55.
- Lemos, C. G., Bueno, J. M. H., Silva, P. L. & Genicolo, V. C. (2007). Referenciais de carreira e identidade profissional em estudantes universitários. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(2), 208-223. DOI.org/10.1590/S1414-98932007000200004
- Linzmeier, S.M.V.V. (2014). *Carreiras contemporâneas: responsabilidade pessoal e desafios na trajetória profissional (Tese Doutorado)*. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A. & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação de adolescents em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 268-276.
- Magalhães, M. O. & Gomes, W. B. (2005). Personalidades vocacionais, generatividade e carreira na vida adulta. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 71-79.
- Melo, S. L. & Borges, L. O. (2007). A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(3), 376-395.
- Moura, R. R. de., & Possato, S. (2012). As dificuldades de inserção no mercado de trabalho e suas repercussões na vida dos jovens: apontamentos a partir de uma experiência em comunidade periférica de Ponta Grossa-PR. *Revista Eleuthera*, 7, 193-220.
- Oliveira, C. T. de. & Dias, A. C. G. (2013). Percepções parentais sobre sua participação no desenvolvimento profissional dos filhos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(1), 61-72.
- Pereira, F. N. & Garcia, A. (2007). Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 71-86.
- Pestka, L.M. (2015). *Planejamento e gestão de carreira: um estudo com acadêmicos (Trabalho de Conclusão de Curso)*. Centro Universitário Univates, Lajeado.

- Robbins, S. P. (2007). *Comportamento organizacional*. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall.
- Rocha-Vidigal, C. B., & Vidigal, V. G. (2012). Investimento na qualificação profissional: uma abordagem econômica sobre sua importância. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, 34(1), 41-48.
- Schmitt-Rodermund & E., Vondracek, F. W. (2002). Occupational dreams, choices and aspirations: adolescent's entrepreneurial prospects and orientations. *Journal of Adolescence*, 25, 65-78.
- Silva, C. S. C., Ourique, L. R., Oliveira, M. Z., Reis, M. G. P. & Lassance, M. C. (2008) Resignificação da experiência de orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(1), 75-86.
- Smart, G. & Street, R. (2009). *Quem: a receita infalível para resolver o principal problema de sua empresa: a contratação de bons profissionais*. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil.
- Sousa, S. G. (2007). *Escolha, carreira e inserção profissional: desafios do mundo do trabalho*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 93-96.
- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adulez jovem (Tese de Doutorado)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Teixeira, M. A. P. (2007) *Elaboração de instrumentos para avaliar desenvolvimento de carreira em universitários*. Projeto de pesquisa (manuscrito não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2004). *Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-62.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2005). *Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 327-334.
- Woleck, A. (2002). *O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica*. *Revista de Divulgação Técnico-Científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação*, 1(1), 33-39. Recuperado de: <http://www.icpg.com.br>.